

Confúcio: O Mestre Reverbera

Leôncio de Aguiar Vasconcellos Filho

Leôncio de Aguiar Vasconcellos Filho

VASCONCELLOS Filho, Leôncio de Aguiar. Confúcio: O Mestre Reverbera: Leôncio de Aguiar Vasconcellos Filho. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em:
<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/confucio-o-mestre-reverbera>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/confucio-o-mestre-reverbera>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 26 de janeiro de 2026

Ao longo dos séculos, a busca pela felicidade foi uma constante. Reis, imperadores e demais líderes costumavam pregar, a si e aos seus grupos, um padrão por eles considerado correto. Mas nada, absolutamente nada, é a felicidade senão um conjunto interno e estável de positivas emoções. E, na arte de incuti-las, ninguém foi tão bem sucedido como o filósofo chinês Confúcio.

Sua doutrina consistia, geralmente, na existência de uma organização estatal que governasse por meio da bondade, e não da força. Daí a sua célebre regra de ouro, de não fazer aos outros o que não gostaria que lhe fizessem. A compatibilidade entre o Estado de bondade e a regra de ouro seria a chave de uma magnânima sociedade, junto à busca da paz interna, ao final mencionada.

Como em todas as sociedades, os respectivos membros devem exercer alguma função. Na hipótese confucionista, os cidadãos e cidadãos devem trabalhar naquilo que gostam, vez que, assim, não teriam de trabalhar um único dia nas suas vidas.

Se, por acaso, vacilarem na condução de seus préstimos, que não o encarem como um fracasso, pois a verdadeira glória não reside na ausência do erro, mas no fato de nos reerguermos todas as vezes que erramos. Afinal, como o próprio Confúcio dizia, não importa o quão devagar seja, desde que não pare nunca (*uma variação da filosofia primaz se deu contemporâneo Lao-Tsé, segundo a qual uma longa jornada se inicia com um pequeno passo*).

E, ao longo deste caminho, dificuldades surgirão. Tal ocorrendo, por culpa própria, que se não atribua aos demais, pois não é a erva daninha que mata a plantação, mas a negligência do cultivador. E, provada a interferência alheia, não odeie, não nutra rancor ou algo do tipo: pense que a construção do Estado de bondade exige um exemplo de retidão, de respeito aos mais velhos e de lealdade familiar, pois o "*mandato do céu*", conferido ao governante que segue ditos princípios, obriga a todos, razão por que, se odiar, já foste vencido por aquele a quem o ódio é dirigido, ao passo que, se procederes à vingança, não deves esquecer de cavar duas covas.

É melhor, como enfatizou o Mestre, fiques calado (*pois o silêncio é um amigo que nunca trai*), não esperar nada dos outros (*exigindo tudo de si próprio*), e, também, não agir por impulsos de hipocrisia, eis que, se vires um homem bom, deves imitá-lo, mas, se for mau, deve-se olhar a si próprio.

Por Confúcio, se deduz que o caminho da porta está aberto a todos (*isto é, ninguém é obrigado a sair pelas janelas ou demais escapismos não óbvios, sendo essa uma metáfora de que a busca da felicidade, pelo modo de vida acima referido, é precedido da paz interior, consistente na mais profunda meditação*). Ele já deduzia que a meditação faz com que domemos a mente, e, por consequência, o corpo. Estudos científicos recentes associaram a prática à liberação de endorfinas, o hormônio do bem-estar, que se espalha por todo o corpo, diminuindo-se ou, mesmo, anulando-se os impulsos de agressividade.

Confúcio (*assim como seu, também, contemporâneo Buda, embora nunca tenha se encontrado*), se não exalou dito ensinamento desta maneira, o fez de outra.

E sem escapismos não óbvios.

COMO CITAR

VASCONCELLOS Filho, Leôncio de Aguiar. Confúcio: O Mestre Reverbera: Leôncio de Aguiar Vasconcellos Filho. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em:
<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/confucio-o-mestre-reverbera>.